

*“Maria Madalena: pecadora arrependida ou uma liderança  
apostólica nas comunidades cristãs primitivas?”*

Tatiana Kiyomi Moriya ( Mestranda – UNESP/Assis)

Ao percorrer o momento de gênese do cristianismo primitivo após a morte de Jesus de Nazaré (30), observamos os seus discípulos iniciarem o processo de expansão do seu campo de ação.

Conforme relatado nos *Atos dos apóstolos*, Paulo foi o judeu-helenizado que levou o cristianismo aos gentios desejosos de conversão. Também nos *Atos*, observa-se Pedro presidindo a eleição de Matias e falando em nome dos seus, ressaltando a sua importância como intermediário entre Jesus e os outros apóstolos.<sup>1</sup> Na Palestina, Pedro era o chefe incontestável da Igreja, depois dele Tiago; suas viagens de inspeção na Judéia, na Samaria e até em Antioquia atestam a irradiação das comunidades cristãs.<sup>2</sup>

Com a era apostólica chegando ao fim (70), a Igreja cristã conta com numerosas comunidades no Oriente – Síria, Ásia, Macedônia, Grécia. E já durante o século II, o cristianismo progride por toda parte: na Ásia, onde as comunidades se multiplicam e não mais somente perto das Costas, na Síria, no delta e no vale do rio Nilo, na Cirenaica. Além das fronteiras do império alcança a Mesopotâmia.<sup>3</sup>

No fim do séc. II, a hierarquia já parecia estar fixada nas comunidades cristãs, entretanto, a descoberta dos escritos apócrifos, demonstram uma diversidade de crenças e práticas religiosas até então pouco estudadas.

Grande parte destes escritos são de cunho gnóstico, sendo encontrados em 1945 num deserto perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito. Tratam-se de uma coleção de antigos “evangelhos” cristãos e outros textos atribuídos a Jesus e seus discípulos, datados dos primeiros séculos da era cristã. A língua original era o grego, mas as cópias achadas haviam sido traduzidas para o copta, idioma comum no Egito nos séculos III e IV.<sup>4</sup> Dentre estes escritos apócrifos, está o *Evangelho de Maria*, um texto já conhecido desde 1896, antes da descoberta dos rolos de Nag Hammadi, e que remonta ao século II.

A descoberta destes textos, proporciona a oportunidade de conhecer diretamente ensinamentos que foram interpretados e condenados por bispos ortodoxos como Justino, Ireneu e Valentino, que durante o séc. II, atacaram os cristãos gnósticos, considerando-os heréticos.

Como o título desta comunicação sugere, buscando-se a tradição referente à construção da figura de Maria Madalena, procura-se partir dos dados escassos dos escritos canônicos no Novo Testamento. Seu nome é mencionado doze vezes nos Evangelhos, sendo o nome mais presente no Novo Testamento. Entretanto, o aspecto mais relevante sobre a Madalena dos evangelhos, é o fato de ser uma figura de síntese, onde se confundem três personagens femininas. Além da passagem em Lc 8,1-3 onde se cita o nome de Maria Madalena como sendo a mulher de quem tinham saído sete demônios, também há outra passagem em Lc 7, 36-50 onde uma mulher, pecadora na cidade, adentra na casa de um fariseu onde Jesus se encontra almoçando, e se ajoelha chorando. E começa a banhar seus pés com as lágrimas e enxugá-los com os cabelos, beijava-lhe os pés e os ungiu com perfume. A outra mulher que comumente é identificada com Maria Madalena, se encontra numa passagem dos evangelhos de Marcos e Mateus, quando Jesus se encontra na casa de Simão o leproso e uma mulher entra com um vaso de nardo legítimo e com este perfume valioso, ungiu-lhe a cabeça. Portanto, três personagens distintas.

Essas três personagens auxiliam na compreensão da conotação dada à Maria de Mágdala, como sendo uma prostituta redimida. Ela foi uma mulher libertada de sete demônios por Jesus, sendo que os demônios evocam uma forte relação com o pecado. Uma das três mulheres era uma “pecadora na cidade”, numa época em que os pecados sexuais são os únicos ou os principais que tenham importância e relevância social para uma mulher. E por fim, ela é identificada como a “mulher dos cabelos longos”, descobertos e desalinados, pelo fato de servirem para enxugar os pés de Jesus. Em Israel, nos tempos de Jesus, as mulheres não poderiam aparecer em público com a cabeça descoberta, sendo inclusive, motivo de repúdio por parte do marido; para uma virgem, a obrigação é menos exigida, mas para uma mulher cuja sexualidade tenha sido ou seja ativa, os cabelos não podem ser mostrados a qualquer um.<sup>5</sup>

E acaba sendo esta imagem feminina de Maria de Mágdala que a tradição cristã manteve e fixou, particularmente durante a Idade Média: a de uma mulher que representa o pecado e a sua remissão, uma criatura portadora do mal, dominada pelo remorso. E de acordo com esta tradição, durante empreendimento da Reforma, Madalena se tornou venerada, a esperança dos pecadores. Isto se deu pois havia um forte movimento na Igreja por volta de 1049, liderado pelo papa Leão IX, de destituir os prelados fornicadores condenar os príncipes incestuosos e bígamos, reprimindo no topo do edifício social os pecados e, especialmente, os pecados sexuais.<sup>6</sup>

Seguindo este movimento, observa-se entre 1075 e 1125, o desenvolvimento da reforma eclesiástica na cristandade latina. Para ocorrer a purificação da Igreja, caminhou-se para a divisão dos homens em duas categorias: de um lado aqueles à quem a união com mulheres é proibida com rigor, e de outro os que devem possuir apenas uma, e os quais são necessariamente maculados, por isso situam-se abaixo dos assexuados na hierarquia dos méritos. Tal segregação arca um traço que permanece enterrado nas consciências da Europa Ocidental e pelos séculos afora, a idéia de que a fonte do pecado é antes de tudo o sexo. Por isso a Reforma vinha se chocar com um elemento vital dessa idéia, a mulher.<sup>7</sup>

É neste ponto que este trabalho ressalta a relevância dos escritos gnósticos: por meio deles, pode-se obter uma nova reflexão acerca da figura da mulher e de Maria Madalena, em especial, e suas funções sociais e eclesiais, no período de gênese do cristianismo.

Na maior parte dos escritos gnósticos, Maria de Mágdala está sempre presente, sendo vista como intérprete ou reveladora da doutrina gnóstica, como um modelo do gnóstico perfeito, que sabe elevar-se até a plenitude da visão e do amor espiritual.<sup>8</sup>

Se a partir do séc. II, observa-se o crescente silenciamento de mulheres em funções de líderes nas comunidades cristãs ortodoxas, estes escritos trazem à luz novas perspectivas, ao evidenciar que entre os grupos gnósticos, como os valentinianos, as mulheres eram consideradas iguais aos homens, algumas eram reverenciadas como profetisas, outras exerciam função evangelizadora, e algumas atuavam como padres e bispos.<sup>9</sup>

Os autores gnósticos atribuíam seus escritos a diversos discípulos, normalmente pessoas que não pertenciam ao círculo dos Doze (apóstolos): Paulo, Maria Madalena e Tiago. Isto porque alguns insistem que os Doze, inclusive Pedro, não haviam recebido a gnose quando testemunharam pela primeira vez a ressurreição de Cristo. Assim, o *Evangelho de Maria*, retrata Maria Madalena (que os ortodoxos nunca admitiram no rol dos apóstolos) como uma mulher favorecida por revelações que se originam de uma comunicação direta com Jesus, se sobressaindo sobre os outros apóstolos.<sup>10</sup>

Pode-se perceber no *Evangelho de Maria*, implicações políticas que surgem do conflito Pedro com Maria Madalena: Pedro e André representando líderes do grupo ortodoxo, acusa Maria (a gnóstica) de ter visões de Jesus que justifiquem idéias estranhas e invenções. Maria Madalena não é um dos Doze, não tendo uma autoridade legítima segundo os ortodoxos, entretanto, ao refutar Pedro, os gnósticos que a tomam

como modelo, podem vir a contestar a autoridade dos padres e bispos que afirmam ser os sucessores de Pedro.<sup>11</sup>

*“...ela permaneceu silente, pois até esse ponto que o Salvador falara com ela. Mas André retrucou e disse aos irmãos, “Digam o que quiserem sobre as palavras dela. Eu, da minha parte, não acredito que o Salvador tenha dito isso. Pois certamente esses ensinamentos são idéias estranhas!”*

*...Maria chorou e disse a Pedro, “Pedro, meu irmão, o que pensa você? Acha que eu mesma inventei tudo isso em meu coração? Acha que estou mentindo sobre o Salvador?” Levi tomou a palavra e disse a Pedro, “Pedro, você sempre foi irascível... Se o Salvador a considerou digna, quem é você para rejeitá-la?”<sup>12</sup>*

O gnosticismo foi uma ciência religiosa, um modo de conhecimento superior. O seu fundamento é o dualismo: à carne a gnose opõe o espírito, ao criador do mundo visível (o demiurgo) opõe um Deus desconhecido que é luz e bondade. Para alcançar a gnose estes cristãos diziam que não precisavam do bispo ou do clero.

Os gnósticos cristãos recusavam-se a crer na encarnação e na morte de Cristo, representando assim um perigo mortal para a Igreja nascente, pois corrompe a idéia da transcendência divina.<sup>13</sup> A ressurreição não era considerada um evento notável do passado, mas sim, simbolizava como a presença de Cristo pode ser vivida no presente. O que importa não é “ver” literalmente, mas sim a visão espiritual.<sup>14</sup>

Diante da gnose, o principal representante do cristianismo ortodoxo foi o bispo Ireneu de Lião (180). Num primeiro momento ele expõe as doutrinas gnósticas, demonstrando a solidez do seu conhecimento sobre a literatura gnóstica, para em seguida as refutar em nome da razão e da verdade herdada dos apóstolos e confiada nos evangelhos.<sup>15</sup> Sua principal obra de refutação da gnose, são os cinco volumes de “*Adversus haereses*”, cujo título completo é “Revelação e refutação da falsa gnose”. Ireneu era asiático de origem, possuía formação clássica, conhecendo autores pagãos e filósofos; morreu provavelmente no início do séc. III.<sup>16</sup>

Ireneu percebeu a atuação de mulheres nos grupos gnósticos, o que se deve em grande parte à concepção gnóstica que reconhece o elemento feminino em Deus. Entretanto, criticava essa participação feminina (inclusive na celebração eucarística), por exemplo no caso do grupo de Marcos, um seguidor do gnóstico Valentino; segundo

Ireneu, ele era um mago que preparava afrodisíacos especiais para iludir, enganar, atormentar e perverter “suas presas”, as mulheres.<sup>17</sup>

Enfim, o que se procurou demonstrar neste trabalho, é o clima de efervescência no que diz respeito aos ensinamentos, crenças e práticas religiosas que permeavam o cristianismo primitivo durante o século II, com o inevitável processo de estabelecimento e exclusão de princípios e condutas, morais e sociais, determinados por um corpo eclesial cada vez mais fortemente institucionalizado.

Em meio a essa disputa pelo poder atemporal da Igreja, pode-se recorrer aos escritos gnósticos, como uma alternativa para a reflexão da definição dos papéis sexuais e suas funções na sociedade judaico-cristã, que também se tornam um convite à novas interpretações acerca do ambiente cristão do séc. II.

#### *Notas de fim:*

---

<sup>1</sup> PIERRARD, Pierre. História da Igreja. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1982. P.20

<sup>2</sup> Idem, 1982: 23.

<sup>3</sup> Ibidem, 1982: 26.

<sup>4</sup> PAGELS, Elaine. Adão, Eva e a serpente. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. P.95

<sup>5</sup> SEBASTIANI, Lilia. Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida. Trad. Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1995. P.48

<sup>6</sup> DUBY, Georges. Maria Madalena. In: \_\_\_\_ Heloísa, Isolda e outras damas no século XII. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cia das Letras, 1995. P.45

<sup>7</sup> Idem, 1995: 48.

<sup>8</sup> Sebastiani, 1995: 56.

<sup>9</sup> PAGELS, Elaine. *Os evangelhos Gnósticos*. Trad. Carlos Alfonso Malferrari. São Paulo: Ed. Cultrix, 1988. P. 87.

<sup>10</sup> Idem, 1988: 53.

<sup>11</sup> Ibidem, 1988: 45.

<sup>12</sup> Apud, Pagels, 1988: 44.

<sup>13</sup> Pierrard, 1982: 34.

<sup>14</sup> Pagels, 1988: 42.

<sup>15</sup> HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. P.41.

<sup>16</sup> Idem, 1980: 39

<sup>17</sup> Pagels, 1988: 86.